



Revista
de Psicologia

ISSN 2179-1740

LABORATÓRIO GESTÁLTICO E LABORATÓRIO PESQUISARCOM: PRÁTICAS NO RASTRO DE UMA PSICOLOGIA NO FEMININO

*GESTALTIC LABORATORY AND PESQUISARCOM LABORATORY: PRACTICES IN THE
TRACK OF A FEMALE-BASED PSYCHOLOGY*

Eleonôra Torres Prestrelo¹
Laura Cristina de Toledo Quadros²
Márcia Oliveira Moraes³

Resumo

O artigo tem como proposta discutir as práticas desenvolvidas no Laboratório gestáltico (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ) e no Laboratório PesquisARCOM (Universidade Federal Fluminense - UFF) a partir do que elas têm em comum e também de singular. Esses laboratórios compõem a formação acadêmica na psicologia através de uma certa ruptura com o saber hegemônico. Para conduzir essa discussão, nos reportaremos às práticas aqui entendidas não como subordinadas a uma teoria, mas sim no sentido proposto por Stengers, que enfatiza as relações e negociações realizadas no processo de fazer ciência. É também em Stengers que encontramos ressonâncias fundamentais para pensarmos uma direção: outra perspectiva para a noção de objetividade, a importância da escrita e da narrativa nos artigos e relatos de pesquisa e ainda a importância de acompanhar os modos de construção, os agenciamentos e negociações que emergem tanto do campo de pesquisa quanto das ações que realizamos no âmbito da formação acadêmica. Tais possibilidades nos permitem fazer com o outro e não sobre o outro, trazendo reflexões que nos deslocam de um pensamento mais tradicional para um espaço mais sensível, ampliando o campo do nosso fazer e produzindo novos efeitos na formação e práticas acadêmicas, como, por exemplo, a valorização da sensibilidade na constituição da psicologia como ciência.

Palavras-chave: Laboratório Gestáltico; PesquisARCOM; prática de pesquisa; ciência no feminino.

Abstract

The present article proposes to discuss the practices developed at the Gestaltic Laboratory (University of the State of Rio de Janeiro - UERJ) and at the PesquisaCOM Laboratory (University Federal Fluminense - UFF) considering what is peculiar and what is singular in each of them. These Laboratories composes the academic formation in psychology through a certain rupture with the hegemonic knowledge. To conduct this discussion, we will refer to the practices here understood not as subordinated to a theory, but as proposed by Stengers, in a way which emphasizes how relations and negotiations are conducted in the process of making Science. It is also in Stengers's work that we find fundamental resonance to think of a direction: another perspective for the notion of objectivity, the importance of the writing and of the narrative in articles and research reports, and the importance of following the mode of construction, the assemblings and the negotiations that emerge from both the research field as from the actions we perform in the academical education scope. These possibilities enable us to build within the other and not about the other, bringing reflections that move us from a more traditional thinking to a more sensitive space, expanding our operational field and producing new effects on the education and academic practices, such as the appreciation of sensibility in the constitution of psychology as a science.

Keywords: Gestaltic Laboratory; PesquisaCOM Laboratory; research activity;

¹ Professora Assistente do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: eprestrelo@gmail.com.

² Professora Adjunta do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: lauractq@gmail.com.

³ Professora Titular do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Brasil. E-mail: mazamoraes@gmail.com

Os encontros designados Biologia na noite sugerem a possibilidade de recriar uma fogueira imaginária em redor da qual podemos fazer aquilo que creio ser tão necessário nos nossos dias. E que é reencantar o mundo. (Couto, 2011, p. 49)

A proposta aqui delineada é a de discutir nossas práticas no Laboratório gestáltico (UERJ) e no Laboratório PesquisadorCOM (UFF) a partir do que elas têm em comum e também de singular, compreendendo tais singularidades nas ações que contornam nosso fazer. Esses laboratórios compõem a formação acadêmica a partir de um olhar e de uma prática não moderna, distante das clássicas dicotomias corpo/mente, natureza/sociedade, sujeito/objeto, razão/emoção. Para desenvolver essa discussão, nos reportaremos às práticas que são aqui entendidas não como subordinadas a uma teoria, mas sim no sentido proposto por Stengers (2006), quando nos diz:

A prática designa as ciências 'se fazendo', ela engloba o ajuste de instrumentos, a escritura de artigos, as relações de cada praticante com os colegas, mas também com tudo isto que todos aqueles que contam ou poderiam contar em sua paisagem. Nada está pronto. Tudo está por negociar, por ajustar, alinhar e o termo prática designa a maneira pela qual tais negociações, ajustes, alinhamentos constroem e especificam as atividades individuais sem por isso determiná-las. (pp. 62-63)

Portanto, as práticas que nos atravessam emergem da relação, das conexões estabelecidas no cotidiano, criando um movimento dialógico entre os diversos campos e atores que se articulam no processo de construção de um conhecimento, a partir de um fazer. O fazer se desdobra em narrativas que se constituem em suporte para nossas práticas que aqui se entrelaçam nos rastros de uma ciência no feminino (Stengers, 1989).

Conduziremos, então, esse texto, contando parte de nossa história como fio de sustentação de nosso pensar e fazer em nossos projetos e pesquisas. Uma história de encontro e encantos. Como diz Remen (1998), ao contarmos nossas histórias aprendemos muito acerca de nós, do que nos faz semelhantes ou diferentes e nos conectamos. Nós, professoras universitárias e pesquisadoras, andamos nos debruçando sobre o que nos move na pesquisa, que questões nos instigam e o que nos conduz no ato da escrita de um texto. Nos debruçamos sobre esse tema

ou ele se debruça sobre nós? Tais indagações nos acompanham e nosso fazer na academia, então, tem seguido o fluxo de discutir questões que nos aparecem pelo caminho, tendo como ponto de partida a necessidade visceral, no nosso caso, de reencantar o mundo, como nos chama atenção o autor na epígrafe acima. Visceral, pois entendemos que precisamos construir outra forma de aproximação do mundo que respeite a sua multiplicidade e abrir espaço para que esse modo perpassa, inclusive, a academia, em formas outras de se fazer ciência. Descreveremos no texto nossos *fazer* nos Laboratórios que fundam esse artigo, situando o leitor em nossas referências conceituais, bem como em nossa interlocução com autoras que nos inspiram.

Ao iniciarmos o texto com o pensamento de Mia Couto, seguimos um caminho de aproximação ao tema por outras vias, a da sensibilização trazida pela linguagem poética que lhe é própria, tão legítima de provocações quanto às hipóteses levantadas num projeto de pesquisa formatado nos moldes tradicionais. E seguiremos no texto desdobrando a imagem de uma fogueira imaginária como metáfora para marcar o que nos faz sentar juntas, ao redor de uma forma de fazer ciência que ilumina nossas noites e aquece os dias em nossos Laboratórios.

A FOGUEIRA: O ENCANTAMENTO

Em nossa proposição de encantamento do mundo, acompanhamos o rastro de Vinciane Despret (2012) quando diz que a ciência moderna perdeu seu encanto ao separar a pesquisa de suas narrativas. E a forma de devolver o encantamento da ciência moderna seria contar as inúmeras histórias que a *performam*,¹ não apagando os rastros de seu fazer. Isso implica em estarmos presentes no campo atentas a todas as suas reverberações, confirmações, dúvidas, questionamentos, gagueiras, assim por diante. Nosso engajamento é uma forma de fazer "ciência no feminino" (Stengers, 1989), ou seja, uma ciência de múltiplas versões, uma ciência que questione o que é dado como universal, que valorize os pequenos acontecimentos do cotidiano, a afetação de todos aqueles envolvidos na pesquisa e que não caia na armadilha da generalização. Uma forma de fazer ciência que interfira na criação de um mundo múltiplo (Prestrelo, Quadros, & Moraes, 2016).

Stengers (1989) em seu texto A ciência no feminino, nos aponta a diferença dos modos de fazer ciência através da metáfora do caçador de matilha contrapondo-se ao caçador solitário. Segundo a autora, o pesquisador que age como *caçador de matilha*, é regido pelo princípio da rapidez e da busca das generalizações, enquanto que o pesquisador que

age como *caçador solitário*, está disposto a esperar, a conhecer o tempo e as singularidades do outro. Assim, esse modo *caçador solitário* é , considerado por Stengers , uma afirmação da ciência no feminino que neste contexto não se reduziria a uma questão de gênero mas convoca processos desdobrados no próprio modo de pesquisar sem a marca forte da hierarquia,”considerando o outro ou o objeto da pesquisa não como um alvo passivo de nossas indagações ou intervenções, mas como um outro com quem é preciso aprender COM, como numa dança em que os movimentos de um se constroem no encontro com os do outro.” (QUADROS & MORAES 2016, p. 5) .

Assim, propomos pensar aqui, a partir dessa inspiração, nossas práticas acadêmicas na psicologia -, incluindo pesquisa, extensão e ensino - tal como a realizamos no Laboratório gestáltico (UERJ), e no Laboratório PesquisarCOM (UFF), identificadas com essa proposição do *caçador solitário* descrita acima. Consideramos que essa forma de fazer ciência nos deixa rastros e alguns deles destacaremos a seguir:

a) o primeiro deles, poderíamos apontar como uma outra versão da noção de objetividade. O feminismo contemporâneo nos traz uma proposição de que toda prática é situada (Haraway, 1995), ou seja, todo conhecimento é efeito de conexões, tecido em relações, mediado, fazendo desaparecer as dicotomias clássicas de causa e efeito, sujeito-objeto: “Objetividade significará então, que os saberes são localizados, específicos, particulares, abordados a partir de uma perspectiva parcial” (Arendt & Moraes, 2016, p. 16). A objetividade se desdobra na narrativa das marcas do caminho percorrido, ou seja, o conhecimento resultante da pesquisa não busca a transcendência, não generaliza, valoriza o que se dá no campo, valoriza o local. E afirma que a produção de conhecimento não é inocente, todo ele se faz na afirmação de forças, na instauração de poder. Se todo conhecimento é construído, é função das relações, defendemos então que a multiplicação de narrativas afirmará sua objetividade! Daí afirmarmos a importância de narrarmos nossas pesquisas.

b) Um outro rastro é a força da escrita na pesquisa. A narrativa do que acontece no campo com todas as interlocuções presentes, faz da escrita, nessa forma de fazer ciência, um espaço de luta e delimitação de fronteiras. O que *fazemos ver* com nossas narrativas? Narrar o que se dá localmente faz-nos escapar da generalização e de um conhecimento sobre corpos sem nome, corpos que não são de ninguém e que produzem muita exclusão. Pois, com frequência, repetem, repetem, repetem, ocultando a criatividade da vida se fazendo. A generalização de narrativas cria “histórias únicas”,² que acabam por definir uma

perspectiva dominante e limitar a proliferação de possibilidades. Não é o que nos interessa. Afirmamos, portanto, a importância de contarmos histórias, não só no sentido historiográfico, mas sim no de dar visibilidade a multiplicação dos nossos modos de existência, na possibilidade de intervenção na criação de mundos múltiplos. Essa é uma proposição de nossos grupos de pesquisa,³ cujo efeito é apontado por Cukierman (2012) de forma clara,

A multiplicação de narrativas aponta para uma nova maquinaria de construção do conhecimento, tanto por assumir a heterogeneidade dos sujeitos, dos objetos e de suas relações, como também por explicitar um processo de seleção da parte de quem narra e, portanto, por situar o narrador, cuja presença se evidencia pela parcialidade de sua escolha em meio à heterogeneidade. (p. 17)

c) Ainda outro rastro que aqui se desdobra está na ênfase dada as práticas, entendendo essa noção tal e qual apontada por Stengers no início dessa escrita. Partindo da premissa de que “nada está pronto”, “nada está dado”, nos cabe acompanhar os modos de construção, os agenciamentos e negociações que emergem do campo de pesquisa e das ações que realizamos. Assim, não nos guiamos por aplicar ou confirmar uma teoria que formulamos a priori. Trata-se de acompanhar processos e descrevê-los sem prescindir da dinâmica de afetações que passa a nos atravessar. Nos deslocamos, portanto, de uma ciência que empodera o especialista a partir da clássica objetificação do evento ou fenômeno, para uma prática que distribui potências legitimando a relação que ali se instala, distribuindo-se então a expertise no dispositivo de pesquisa.

Seguindo os rastros dessa forma de fazer ciência, nos demos conta do quanto essas proposições estão presentes em nossas práticas, não só em nossas pesquisas, mas em uma forma de fazer psicologia que, parafraseando Stengers (op.cit), estamos chamando de uma *psicologia no feminino*. Ressaltamos que não há aqui nenhuma pretensão de fundar uma nova escola de pensamento, mas sim destacar as aproximações de um fazer com o qual reconhecemos ressonâncias em nossas práticas, que as contornam e as distinguem também de outros fazeres.

LABORATÓRIO GESTÁLTICO:

⁴ fogueira que nos ilumina no resgate da dimensão sensível da experiência

Iniciamos a vida universitária concursadas para assumir disciplinas de um campo de estudos ainda marginal no ambiente acadêmico, a Gestalt-terapia. Marginal por partir de proposições outras à predominante na vida universitária, a produção de um conhecimento vivo, sensível, que se faz no ato de experimentar, no sentido que nos fala Bondía (2002 como citado em Quadros & Prestrelo, 2015), ressaltado em outro momento:

Como destaca Bondía (2002), o sujeito da informação torna-se limitado sem os saberes provenientes da experiência. Dessa forma, nosso projeto para esse ano enfatizou o aspecto experiencial da construção do conhecimento através das Oficinas Itinerantes valorizando, inclusive, a bagagem que cada participante traria, integrando os diferentes mundos e atravessando, de fato, os muros da universidade. Além disso, é importante ressaltar que essa proposta de oficinas itinerantes se alicerçou, também, na resposta à demanda do público frequentador do projeto. (p. 90)

Ao iniciarmos nossas atividades na universidade, nos deparamos com a solicitação constante dos alunos em ampliar a possibilidade de outros olhares de uma prática clínica e formas de atuação nos diversos espaços por onde transitavam em sua formação. Trazemos aqui a fala de um aluno de psicologia que nos conta como ampliou suas possibilidades de entendimento das práticas possíveis de serem desenvolvidas, diante das limitações sentidas na universidade.

Era uma vez uma gente insatisfeita que estudava na Uerj. Essa gente não tinha nada de muito diferente com relação a um montão de outras pessoas que também estudavam e ainda vão estudar na Uerj. Ninguém sabe ao certo até hoje como essas pessoas se encontraram, mas uma vez que isso aconteceu, elas gostaram de estar juntas. Quer dizer, achamos que gostaram, porque começaram a inventar um monte de pretextos para continuar se encontrando cada vez mais vezes. Um dos pretextos foi o *Alunos na Praça*, espaço de convergências, de confluências e de convivências, apesar das diferenças. E já que estavam juntas, perguntavam-se por que tudo andava tão separado: o professor e o aluno, a teoria e a prática, a universidade e a sociedade, o

sonho e a realidade, a fome e a comida, a ciência e a arte, a razão e a sensibilidade. Tinha tanto muro por toda parte, que aquela gente resolveu pular o muro da universidade e foi cair na praça. Mas para fazer o que?

Bom, só de ir já teria valido a viagem. E o que eles queriam mesmo era conversar com aquelas pessoas que transitavam na praça, falar das coisas que ouviam na sala de aula e, principalmente, ouvir. O que as mulheres tinham a dizer, o que os idosos achavam da vida e da morte [...]

Era tanta coisa, que no fim era tudo, era a própria vida. E para ouvir tanta coisa não dava para ficar com aqueles velhos ouvidos que só escutam doenças. (Fernandes, 2006, p. 215-216)

O curso de psicologia do Instituto de Psicologia da UERJ era identificado, tradicionalmente, por forte influência de estudos na área de Psicologia Social. No campo da clínica psicológica, na época, a psicanálise era a orientação teórica predominante. A Gestalt-terapia, uma abordagem contemporânea que ganhou maior espaço no Brasil apenas na década de 80, já trazia no seu bojo um ar revolucionário e distante das dicotomias clássicas. Segundo Fritz Perls (1981), seu principal articulador:

As psicologias mais antigas descreviam a vida humana como um conflito constante entre o indivíduo e seu meio. Por outro lado, nós o vemos como uma interação entre os dois, dentro da estrutura de um campo constantemente mutável. (p. 39)

Apesar da UERJ ser uma instituição pioneira em incluir a Gestalt-terapia em seu currículo, a inserção ainda se faz menor diante de outras abordagens de referencial mais clássico como a comportamental e a psicanálise. E os alunos seguiam solicitando mais espaço para outras interlocuções, para esses novos saberes. E como ignorar essas falas, essas demandas? Será que uma graduação só acontece na obediência de uma grade curricular previamente determinada? E a vida que palpita nesses corpos em ânsia de saber? O que fazemos com isso? Essas questões se debruçam constantemente sobre nós. Nos vimos capturadas, portanto, pela solicitação de outras abordagens, outros movimentos de entendimento da vida. Acreditamos numa produção do conhecimento que se dá na relação, na conexão de *quereres* e não apenas *deveres*!

Aceitamos o convite de resgatar a dimensão sensível da experiência visando aproximar o conhecimento dos aspectos vivos e dinâmicos do cotidiano, e em nossas aulas, estágios especializados na área clínica e projetos de extensão, temos seguido construindo caminhos, parcerias, escrevendo histórias nesse sentido.

É importante pontuar que a pequena inserção, historicamente registrada, da Gestalt-terapia no contexto universitário, se deu pela marcação de uma posição de resistência ao *establishment*, gênese das forças que perfomaram o surgimento dessa abordagem psicoterápica. Entrar na universidade apresentava o risco de perder aquilo que orienta a prática da gestalt: a vivacidade da experiência como ponto de partida do conhecimento! O risco está em descaracterizá-la, na busca de cumprir supostas exigências de um modelo científico clássico. Assim, nos empenhamos na afirmação de um conhecimento não bipartido, um conhecimento que se faz encarnado, se faz *com* e não *sobre* o outro. Porém, cientes dos riscos, com ele convivemos.

Encontramos, na extensão universitária, campo fértil para a ampliação de nossas práticas, movimento de “ajustamento criativo”⁵ perante a tantas demandas e a um número tão reduzido de professores em nossa área de atuação no Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Seguimos tecendo juntas um caminho, buscando sonhar outras formas de construção do conhecimento acadêmico, acompanhadas por tantas outras falas. Trazemos, então, mais uma reverberação na voz de uma ex-aluna,

No princípio te perguntam toda hora, a cada momento, o que você acha das aulas? E você: “legal”. Esse “legal” é assim meio amarelo, meio sem gosto, meio apagado. Nada te vem à cabeça... Você puxa pela memória um pouco das aulas, e lembra que sua turma olha atentamente o professor. O silêncio é tal dentro de sala de aula que até mesmo este fica constrangido (...) Pergunta: “alguma dúvida?” Nenhuma resposta. Silêncio total... novo constrangimento (...)

Teu corpo te pede um movimento que não seja de mera reprodução. E sim de criação, reinvenção. Precisa ser. Ele é palpável, maleável, sem limites. (...) Eu sou feita de sonho. E também sou feita de realidade, mas chega de conto de fadas... Serão sempre os sonhos a sustentar a realidade e quem sonha acredita. Quem acredita está vivo. (Xisto, 2006, p. 225-227)

Como não sermos afetadas por essas questões? E iniciamos assim, um percurso nada fácil: como responder a demanda de atividades experienciais num espaço tão limitado para manejos desse tipo? A própria arquitetura da universidade já nos convida à rigidez na frieza do concreto. Se bem que nossas salas de aula em nada diferem de tantas de outros cursos de psicologia que conhecemos. Seria essa uma questão que também perpassa outras universidades? A disposição das cadeiras em fileiras e a mesa para aquele que vai transmitir o que sabe para aqueles que não sabem, se reproduz. Onde estará o espaço para o movimento, para a comunicação através de olhares frente a frente? Onde reside a sinalização de que um conhecimento se constrói junto, na troca de sensações, experiências, informações? Onde se encaixaria a proposição de que construímos um mundo através de nossas histórias? Histórias que incluem as contadas nos livros, mas acima de tudo, encarnadas na multiplicidade das vidas que somos?

E aqui trazemos ao leitor, mais uma narrativa, agora de alunas e também estagiárias do Laboratório Gestáltico, onde elas destacam a experiência como modo de elaboração do conhecimento:

Viver a experiência de estar em contato genuíno com o tempo, tema escolhido para o II Simpósio, realizado no ano de 2012 e intitulado “Tempo e Vida: angústia contemporânea, configurações possíveis”, nos permitiu ensaiar novas formas de dialogar com ele, assim como repensar as potencialidades e possibilidades disponíveis no meio quando com ele interagimos de forma saudável. Faremos aqui um recorte abordando aquilo que para nós, equipe de estagiárias, emergiu como figura.

Tempo. Um tema que atravessa a todos nós, capaz de unir a comunidade leiga, estudantes de graduação, profissionais recém-formados e experientes em um terreno comum, compartilhado.

Colocar nosso tempo à disposição de um evento que se utiliza de uma pausa como fundo da figura tempo teve ecos, repercursões ainda ouvidas por nós, e de certa forma revividas quando fomos convidadas novamente a uma pausa, desta vez para registrar essa experiência, o que fez com que nos deparásemos com os tempos que nos perpassam: “tempo de produção”, que contrasta com “tempo livre” e com aquilo

que constitui o tão almejado “tempo de qualidade”.

(...) Nas semanas que antecederam o simpósio, totalmente implicadas pela “falta de tempo”, pelo desejo de fazer tudo que estava ao nosso alcance, ainda que para isso nos víssemos diversas vezes limitadas pelo mesmo dito tempo, nos sentíamos convocadas a ponderar nossas decisões e atividades. Mas será que o tempo em questão era apenas o Cronos? O que estava em jogo era só as voltas no relógio e os dias voando no calendário? Pensando assim tenderíamos a ver o tempo como o grande vilão das nossas não realizações, ao invés de olhar para o que estamos fazendo dele e com ele e, além disso, estaríamos nos detendo apenas a um lado da moeda: a influência que o tempo tem sobre nossas vidas, e não nos responsabilizando pelas escolhas e vivências que temos” (Welte, Melo, Guerreiro & Vianna, 2014, p.176-177)

Essa reflexão exposta pelas estagiárias revela uma ênfase no vivido como modo de aprendizado. Tanto nos simpósios quanto nas outras atividades que realizamos, abrimos espaço para essa forma de elaboração sensível, advinda da própria experiência viva, uma marca desse projeto de extensão. A partir da necessidade expressa por alunos e pelo público em geral participante de nossas ações,⁶ temos contado, recontado e multiplicado histórias, no uso de uma referência de entendimento do mundo, da elaboração de conhecimento e encaminhamento de estudos que afirmam a multiplicidade de histórias como uma política de pesquisa e escrita (Despret & Stengers, 2011; Moraes & Tsallis, 2016), em consonância com o Laboratório PesquisARCOM. Histórias que se fazem presente nas oficinas temáticas (a arte de ser terapeuta; as potencialidades do brincar para a psicoterapia; a humanização das relações, a musicoterapia como um modo de cuidar; o câncer entre nós; etc.),⁷ na problematização dessa forma de conhecer, nos simpósios bianuais que realizamos com um grande número de participantes, nos pequenos eventos onde discutimos nossas práticas, pesquisas e escrita. Portanto, pelo viés do fazerCOM, da sensibilidade e da polifonia de histórias, vamos costurando artesanalmente uma prática ao mesmo tempo fluída e consistente (Quadros, 2015).

LABORATÓRIO PESQUISARCOM:

a chama que continua acesa

O Laboratório PesquisARCOM,⁸ vinculado à Psicologia da Universidade Federal Fluminense funda-se na UFF a partir de uma atividade de pesquisa e de extensão dirigida a pessoas cegas e com baixa visão, ligadas às instituições de reabilitação. No percurso do encontro de um grupo de pesquisa/extensão com a deficiência visual, foi constituindo-se um modo de fazer a prática *psi* que consistia, grosso modo, em intervir não a partir exclusivamente dos referenciais de quem enxerga, mas levando em conta os referenciais dos que não vêem. Para isso, era preciso buscar um deslocamento da centralidade da visão, que marcava o grupo de pesquisa/extensão naquele momento, já que em sua equipe todas as pessoas eram videntes (posteriormente, a equipe contou também com uma pessoa cega, ela própria uma reabilitanda de uma das instituições nas quais pesquisávamos, que ingressara no curso de graduação em Psicologia da UFF). Como fazer uma intervenção com pessoas cegas e com baixa visão e não sobre a deficiência visual? Que desafios essa proposição de fazerCOM nos abria? Isso nos convocou à um outro modo de construir nosso intervir na pesquisa.

PesquisARCOM e não sobre a deficiência visual. Em poucas palavras essa foi a direção de pesquisa a qual chegamos a partir do encontro com pessoas cegas e com baixa visão com quem pesquisamos. Enunciada assim de forma tão direta e breve, tal formulação pode soar como um dado, uma obviedade. Mas não é assim que ela se constituiu e tem se constituído para nós. O fazerCOM o outro como proposta de pesquisa foi para nós uma exigência, no sentido que Stengers (1989) dá a esse termo. Isto é, se como profissionais do ensino superior temos obrigações a cumprir – tantas horas de aula, tantas de pesquisa, reuniões, assim por diante – como cientistas estamos enredadas em exigências intrínsecas ao dispositivo de pesquisa. Exigências são, pois, imanentes. Surgem *do* e *no* encontro. Nesse sentido, não foram poucas as vezes que fomos interpeladas pelas pessoas cegas e com baixa visão que nos *exigiam* retificações, desvios, modulações das nossas perguntas.

No percurso fomos nos dando conta de que o fazerCOM o outro nossas pesquisas, é uma direção política, ética e epistemológica, como discorreremos a seguir.

Política, em mais de um sentido. De um lado, a escrita desse texto nos trás à memória o lema do movimento social das pessoas com deficiência: nada sobre nós sem nós. Convocação radical que redesenha o “nós”, que desfaz a condição de “alvo” das políticas e

das mais diversas ações, de pesquisa inclusive, na qual as pessoas com deficiência estão colocadas. Nada sobre nós sem nós é um levante, é uma afirmação radical de que os objetos são aqueles que, pela etimologia mesma do termo, *objetam*. É o que fazem as pessoas com deficiência, *objetam*, colocam-se por essa via como agentes das políticas que a elas se dirigem, como agentes dos conhecimentos que se produzem acerca da deficiência. Nesse campo, o fazerCOM o outro a pesquisa é um modo de tecer esse nós, de constituí-lo a partir das diferenças que nos articulam. É buscar falarCOM e não sobre, um desafio e tanto (Quadros & Moraes, 2016).

De outro lado, se afirmamos que fazemos a pesquisa COM as pessoas cegas e com baixa visão e não sobre a deficiência é porque levamos adiante narrativas que colhemos no campo de pesquisa, narrativas locais, situadas e marcadas. Narrativas de vidas que experimentam cegar e que nos informam, dia após dia, que não ver é uma forma de vida entre outras, não um déficit, um fracasso. Uma forma de vida povoada de sensorialidades, de sabores e dissabores: “*Antes eu tinha uma teoria, agora tenho outra teoria*” nos disse uma vez um senhor que cegara já na terceira idade. “*Pelas curvas que o ônibus faz, pela quantidade de quebra-molas, eu me oriento e sei exatamente em que ponto de ônibus descer*”, nos disse outro senhor, também cego. Dito com outras palavras, o sentido político do fazerCOM o outro a pesquisa, se afirma na medida em que, por meio de narrativas locais, marcadas, colocamos em xeque narrativas hegemônicas que fazem da deficiência uma tragédia e que, não raro, se constituem como histórias únicas da deficiência (Conti, 2015). Narrar é pois, tarefa urgente para interromper máquinas narrativas que se hegemonizam, que reiteram normalidades não marcadas.

Nesse ponto, uma direção de trabalho que temos levado adiante no Laboratório PesquisarCOM é abrir a escrita do diário de campo de modo a fazer dela uma escrita coletiva, que inclua pesquisadores e pesquisados. Assim, os participantes da pesquisa nos exigem certas escritas, certos registros nos diários de campo. Tomando a escrita como mais um espaço de luta e de intervenção, não é de pouca monta abri-la aos outros, tecê-la com muitas mãos, enfrentando desafios da co-autoria.

O pesquisarCOM é também uma direção ética porque investe num modo de fazer que leva em conta o outro como objeto. Isso mesmo, levar em conta o outro como objeto no sentido já sublinhado: aquele que objeta e que por isso mesmo, interpela de volta o pesquisador. Tomar o outro não como o que ignora os rumos da pesquisa, nem mesmo como o informante, mas como o

que objeta, o que faz objeções aos caminhos que a pesquisa traça e que por essa via, exige que o traçado seja partilhado, que a expertise seja distribuída no dispositivo de pesquisa. Nesse sentido, os mal-entendidos (Moraes, 2010) que ocorrem no campo de pesquisa são fundamentais para as escrituras que dali sairão. Ética imanente, situada e posicionada no encontro.

Finalmente, a direção epistemológica se faz, justamente porque trata-se de afirmar que o conhecimento se produz a partir do vínculo, do laço e não da distância. Haraway (1995) é nesse ponto inspiração necessária, assim como outras autoras feministas (Despret & Stengers, 2011; Mol, 2008, 2002; Puig de la Bellacasa, 2012; Anzaldúa, 2000). que afirmam, com radicalidade que só há objetividade posicionada, localizada. O que as feministas que nos servem de inspiração nos fazem afirmar é justamente a localização de nosso conhecer, as marcas que constituem os nossos olhos, os nossos pontos cegos. E é com essas autoras supracitadas que o PesquisarCOM se alinha.

Assim, se esse Laboratório teve início com as pesquisas no campo da deficiência visual, é preciso sublinhar que suas direções éticas, políticas e epistemológicas se disseminaram em outros campos, teceram outras redes e abarcaram distintos domínios e temas de investigação. Parte dessa produção tem atravessado congressos, simpósios, parcerias com o Laboratório Gestáltico e está publicada na Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, ano de 2016, quando reunimos uma série de trabalhos para discutir o pesquisarCOM e o feminino na ciência, ressaltando-se, assim, nossos vários pontos de articulação em nossas práticas e modos de pensar o conhecimento.

O ALIMENTO DA FOGUEIRA:

a formação de um “nós”

Arrematando a costura dessa escrita, sintetizaremos nossa parceria naquilo que nos une, ou seja, fazer aparecer a vida presente no campo da pesquisa e de nossas práticas, trazendo-a para a escrita, exercitando nesses campos de atuação - a pesquisa, a prática clínica e a escrita - um certo manejo na produção de conhecimento que passa pela experiência, que não exclui aquilo que nos encanta nos encontros, enfim, como pontuamos reiteradamente no texto, um fazer *com*, não *sobre*, acompanhando seus desdobramentos. Isso performa um “nós” tecido através de muitos e diferentes encontros. Um nós que se pretende pensar, fazer e escrever juntas. Escrever, no caso, as histórias de nossas pesquisas e práticas a fim de povoar o mundo com uma forma de fazer psicologia

e de fazer ciência onde as redes, os laços, as conexões se façam mais presentes. Esse texto, portanto, traz em si a narrativa de pesquisadoras que escolheram trilhar um caminho afirmando um fazer em rede, em parceria, fortalecendo uma articulação de ideias e práticas que nos aproximam:

E é enquanto tais que nós podíamos nos conhecer umas às outras, nos re conhecer umas às outras enquanto conexões dentre outras. (...) Re conhecer é então re suscitar, quer dizer, retomar a história, a nossa, de um modo diferente, como se ela desse a cada vez elementos particulares e, portanto partilháveis, de uma questão que nós não nos tínhamos colocado até aquele momento, ou de outra forma. (Despret & Stengers, 2011, pp. 28-29)

Consideramos, então, ser este um modo de fazer ciência e fazer psicologia, que nos encanta e nos engaja. E seguimos, assim, escrevendo nossa história. Uma história de pesquisadoras que, de certa forma, também *criam caso*.⁹

Referências

- Anzaldúa, G. (2000). Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, 8(1), 229-235. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>
- Arendt, R., & Moraes, M. (2016). O projeto ético de Donna Haraway: alguns efeitos para a pesquisa em psicologia social. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 11(1), 11-24. Recuperado de: http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/1526/1116
- Bondía, J. L. (2002) Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.19, p.20-28 Jan/Abr. Recuperado em 15 de outubro, 2011 de <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/275/27501903.pdf>
- Couto, M. (2011). *E se Obama fosse africano?: e outras intervenções*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Conti, J. (2015). *Margens entre pesquisar e acompanhar: O que fazemos existir com as histórias que contamos?* (Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói). Recuperado de http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/dissertacoes/2015/2015_d_Josselem.pdf
- Conti, J., & Silveira, M. (jan./jun. 2016). Ciência no feminino: do que é feita a nossa escrita? *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 11(1), 53-68. Recuperado de http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/1529/1119
- Cukierman, H. (2012). O tapete de Eudóxia: A história das ciências e a narrativa das multiplicidades. *Revista Tempo Brasileiro*, 189/190, 155-172.
- Despret, V. (2012). Comme **Faire-science**: Les animaux ont-ils le sens du prestige ? In **Que diraient les animaux, si... on leur posait les bonnes questions?** (pp.56-67)Paris: Découverte.
- Despret, V., & Stengers, I. (2011). *Les faiseuses d'histoires: que lês femmes font à la pensée*. Paris: La Découverte / Les Empêcheurs de Penser en Rond.
- Fernandes, R. G. (2006), *E Agora? In Perplexidade na universidade: vivências nos cursos de saúde*, VASCONCELOS, E., FROTA, L. H., e SIMON, E. (Org), São Paulo: Hucitec, 215-216.
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 07-41. Recuperado de: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>
- Law, J., & Mol, A. (2008). The Actor-Enacted: Cumbrian Sheep in 2001[El actor-actuado: La oveja de la Cumbria en 2001]. *Revista Política y Sociedad*, 45(3), 75-92. Recuperado de <http://revistas.ucm.es/index.php/POSO/article/view/POSO0808330075A/21968>
- Mendonça, M.M. (2007), Ajustamento Criativo in D'Acri, G. Lima, P.A. & Orgler, S., *Dicionário de Gestalt-terapia – Gestaltês*, S. Paulo, Summus 20-22
- Mol, A. (2002). *The body multiple: ontology in medical practice*. Durham, NC: Duke University Press.
- Mol, A. (2008). *The logic of care*. London: Routledge.
- Moraes, M.; & Tsallis, A. C. (2016). Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. *Revista Polis e Psique*, 6(1), 39-50.

- Recuperado de <http://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/61380>
- Moraes, M. (2004) A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 11(2), 321-333. doi: 10.1590/S0104-59702004000200006
- Moraes, M. (2010). PesquisarCOM, política ontológica e deficiência visual. In: M. Moraes & V. Kastrup (Orgs.), *O exercício de ver e não ver* (pp. 26-51). Rio de Janeiro: Nau.
- Perls, F. S. (1981). *A Abordagem gestáltica e a testemunha ocular da terapia*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Prestrelo, E., Quadros, L. C. de T., & Moraes, M. (2016). Laboratório Gestáltico e Laboratório pesquisarCOM: práticas de uma psicologia no feminino. *Anais do XII Encontro Clio-Psyché: Saberes psi: outros sujeitos, outras histórias* (pp. 78-79). Rio de Janeiro: UERJ/Instituto de Psicologia.
- Puig de la Bellacasa, M. (2012). Nothing comes without its world: thinking with care. *The Sociological Review*, 60(2), 197-216.
- Quadros, L.C.T.; Moraes, M.(2016) O PesquisarCOM e o feminino na ciência : Polifonia de uma experiência no ESOCITE in Pesquisas e Práticas Psicossociais 11 (1), São João del Rei, Janeiro a junho de 2016.p.4-7
- Quadros, L. C. T. (2015). Uma trama tecida com muitos fios: O pesquisar como processo artesanal na Teoria ator-rede. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 15(4), 1181-200. Recuperado de <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/20253/14596>
- Quadros, L. C. T., Moraes, M., Queiroz e Melo, M. F. A., Machado, M. N. M., & Miranda, S. F. (Eds.). (2016). v. 11, n. 1 (2016) [Edição especial]. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 11(1). Recuperado de http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/issue/view/v11n1
- Quadros, L. C. T., & Prestrelo, E. T. (2015). Laboratório Gestático: A vida vivida como experimento-ação, experiências em psicologia e políticas públicas. *CRP 05, Caderno anual*, (7), 87-98.
- Remen, R. N. (1998). *Histórias que curam: Conversas sábias ao pé do fogão*. São Paulo: Ágora.
- Stengers, I. (1989). A ciência no feminino. *Revista Letras*, (5/6), 427-431.
- Stengers, I. (2006). *La vierge et le neutrino : les scientifiques dans la tourmente. Paris : Les Empêcheurs de penser en rond.*
- Welte, P. Melo, R.C. D.; Guerreiro, C. & Vianna, K. O. (2014), Compondo uma narrativa- presentificando uma experiência de formação. In E. T. Prestrelo & L. C. T. Quadros (Orgs.), *O tempo e a escuta da vida: configurações gestálticas e práticas contemporâneas* (pp 173-183). Rio de Janeiro: Quartet.
- Xisto, Vanessa de A. (2006), *E Agora? In Perplexidade na universidade: vivências nos cursos de saúde*, VASCONCELOS, E. , FROTA, L. H., e SIMON, E. (Org), São Paulo: Hucitec , 225-227

NOTAS

Performar: produzir efeitos. Expressão que pretende distribuir a rede de ações que interfere na produção de um acontecimento. Opõe-se à noção de "atribuição", a partir da proposição que nada se dá a priori. A quem se interessar por essa discussão, ver Law e Mol (2008) ou Moraes (2004).

Notas

¹ Sobre as implicações decorrentes de uma única história ver a brilhante dissertação de Josselem Conti (2015) intitulada

Margens entre pesquisar e acompanhar: o que fazemos existir com as histórias que contamos?.

² Convidamos os leitores e leitoras a conferirem o número temático da

Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais (Quadros, Moraes, Queiroz e Melo, Machado, & Miranda [Eds.], 2016) no qual constam as discussões que temos levado adiante acerca do pesquisarCOM e do feminino na ciência.

³ Projeto de extensão do IP/UERJ coordenado por Eleonôra Torres Prestrelo e Laura Cristina de Toledo Quadros que ao longo de seus 10 anos de existência conta e contou com a participação de estagiários bolsistas e não bolsistas: Camila L. Kurdian; Alice V. V. Mattos; Thamara Luciana da S. Perfilio; Rafaelle Cristine Diogo Melo; Priscilla C. Welte; Carolina F. Guerreiro; Keyth de O. Vianna; Carlos Henrique de S. Lima; Ingrid Cristine B. Lima; Filipe M. Pereira; Thaciane A. dos Santos; Elida S. Nascimento; Maria Eduarda N. dos Santos; Marcell Rosa; Thiago Caetano; Fernanda Brandão, bem como com as profissionais colaboradoras: Erika da S. Araujo; Luciana B. Cavanellas; Luciana L. M. Soares e Cristiane Esch.

⁴ Ajustamento criativo: noção de um tipo específico de interação

organismo/ambiente usado por Frederick Perls, um dos principais mentores da Gestalt - terapia. "O qualificativo 'criativo' refere-se ao ajustamento resultante do sistema de contatos intencionais que o indivíduo mantém em seu ambiente (...)"Mendonça in (D'Acri, Lima, & Orgler, 2007, p. 20)

⁵ Em todo evento distribuímos filipetas ao público e as recolhemos ao final de cada atividade. Nelas o público registra, quando quer, dentre outras informações solicitadas, sugestões de temáticas e práticas que gostariam que o Laboratório produzisse.

⁶ Para saber mais sobre as atividades do Laboratório Gestáltico, ver o site <http://www.laboratoriogestaltico.uerj.br/>

⁷ Equipe do Laboratório PesquisarCOM no período: 2014-2017 (na pós-graduação em psicologia da UFF)Nira Kaufman, Gabrielle Freitas Chaves, Alexandra Justino Simbine, Camila Araújo Alves, Josselem Conti de Souza Oliveira, Alessandra Rotenberg, Elis Teles Caetano Silva, Cristiane Bremerkamp Cruz, Marília Toscano de Araújo Gomes Gurgel, Maria Aparecida dos Santos, Marília Silveira, Cristiane Knijnik, Carolina Cardoso Manso, João da Mata Rosa Cesse Neto, Talita Tibola, Maria de Fátima Aranha de Queiroz e Melo, Angela Maria Carneiro Silva, Lia Paiva Paula. Lucila Lima da Silva, Maudeth Py Braga, Thiago de Sousa Freitas Lima, Luiza Teles Mascarenhas, Luciana de Oliveira Pires Franco, Eleonora Torres Prestrelo.

⁸ Essa expressão "*criadoras de caso*" é uma tradução livre do termo "*La faiseuses d'histoires*" contida no título da obra de Vinciene Despret e Isabelle Stengers (2011), *La faiseuses d'histoires: Que font les femmes à la pensée*. A referida obra é composta de narrativas de mulheres que ousaram quebrar padrões estabelecidos, partindo das próprias autoras que relatam sua entrada na universidade e os devidos desafios que o fazer ciência impõe as mulheres. "Esse título em francês é marcado por uma ambiguidade: poderia também ser traduzido por 'as criadoras de caso' no português coloquial" (Conti & Silveira, 2016, p. 63).

RECEBIDO EM: 12/09/2017
PRIMEIRA DECISÃO EDITORIAL: 26/04/2018
VERSÃO FINAL: 06/05/2018
APROVADO EM: 22/05/2018